

SERRAÇÃO DA VELHA

por DAVID RODRIGUES*

A gente quer estar alegre.

T. W. ADORNO

Esta epígrafe, recolhida embora de um livro¹, pode ouvir-se nitidamente da boca do povo, quando se entrega a festividades de que é, simultaneamente, sujeito e objecto, ou seja, autor, actor e/ou espectador.

O sentido e o sentimento da participação popular na tradição que dá título a este trabalho são, certamente, os de o povo passar uns momentos divertidos, à custa de situações, reais ou imaginadas, vividas e sentidas por uma comunidade. Manifestações de alegria, de diversão, de "faz de conta", de alívio dos "fardos da vida", porque esta "são dois dias". Mas, também, oportunidade para deixar vir ao de cima e a público queixas, exigências, anseios, críticas e, até, vindictas de grupo ou comunidade.

A *Serração da Velha* é, por isso, uma celebração popular, cujo espírito de grupo e sentido lúdico são bem manifestos, onde se realizou ou realiza ainda.

Ao tratarmos este acontecimento etnográfico, nada mais pretendemos que facultar, ao leitor comum, uma visão mais ampla e global de um fenómeno que apenas será (re)conhecido nas suas particularidades mais ou menos locais.

O FENÓMENO

Carlos Lopes Cardoso, carreando informações de *campo* e bibliográficas, aponta os seguintes elementos, como características da cerimónia, ainda que nem todos concorram, necessariamente, em cada caso concreto:

* Do Conselho de Leitura da revista *Mealibra*.

¹ T. W. Adorno, "Sobre a música popular", cit. p/ Dwight MacDonald e outros, in *A Indústria da Cultura*, Lisboa, Meridiano, s/d, p. 71, nota 1.

- uma data fixa, a noite de Quarta-feira da terceira semana da Quaresma;
- um maior ou menor aparato, que podia ir do cortejo pomposo até à simples zaragata feita com um cortiço e um serrote, tendo-se, na cidade ou vila, para o primeiro e, na aldeia, para a segunda;
- um testamento, mais ou menos extenso, no qual eram contemplados os vizinhos;
- a representação da velha por intermédio de uma pessoa viva, de um boneco de palha ou de um cortiço;
- a serração final da velha ou, mais raramente, a sua queima;
- a distribuição de paulada pela assistência, em casos, aliás, muito contados, nomeadamente no Porto, Turquel, Lisboa e Elvas.”²

Popularmente designado também por *serrar*, *serrage(m)*, *sarra(i)ge*, *serrada*, *serradela*, *serra*, o fenómeno, nos seus traços fundamentais, realizou-se “por todo o país” e também em Espanha, França, Itália, Suíça, nos povos eslavos do Sul e, naturalmente, por influência portuguesa, nas ilhas da Madeira, Açores e no Brasil³. Como o fuso se adapta à roca, é natural que em cada uma destas terras a cerimónia se cumprisse e cumpra com variantes de tempo, de figuras, de discurso, de intenções e de meios apropriados à realidade sócio-cultural dos seus habitantes.

A cerimónia mais típica, porém, consistirá numa “manifestação trocista e ruidosa, com ressaibos persecutórios e provocativos, dirigida pela juventude masculina local contra as mulheres velhas — teoricamente a mais velha, na realidade qualquer mulher idosa, e sobretudo se for rabugenta (...): o ajuntamento, munido de latas, um boneco figurando a ‘velha’, ou um cortiço, corre a aldeia, e, à porta da mulher idosa mais representativa, pára, ‘serra a velha’ ou o cortiço (que se despede em altos brados e declama o seu ‘testamento’), e queima-a ou destrói-a. Por vezes, a cerimónia comporta dois bonecos, a ‘Velha’ e o ‘Velho’, que são ambos ‘serrados’”⁴.

Conhecem-se, entre nós, manifestações de *Serração*, em algumas povoações do Minho. Para os lados de Vieira do Minho, “durante a Quaresma, os jovens organizam-se para penetrarem nas casas dos habitantes mais idosos, para lhes

² *Do Gordo Entrudo à Páscoa das Flores. Três aproximações etnográficas*, Lisboa, IPPC, 1982, p. 37.

³ *Id.*, *ibidem*, pp. 36 e 45; Ernesto Veiga de Oliveira, *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote, 1984, p. 353.

⁴ Oliveira, *ob. cit.*, pp. 352-353.



Tradições de Afife: Serração da Velha.

apontarem os defeitos, reais ou imaginários, intimarem a que deixem os seus bens e, enfim, para simularem a sua imolação — é o 'serrar a velha'. A vítima pode furtar-se a esta função oferecendo de beber e de comer logo que o grupo entra" ⁵. No Alto Minho, tem-se conhecimento de o fenómeno ocorrer nas freguesias de Afife e Carreço, e nas vilas de Ponte de Lima e Darque. A festividade que ocorre em Afife encontra-se descrita no *Boletim da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo*, feita por Maria Manuela Ferreira Arezes⁶, e em *Lendas e Tradições do Alto Minho*, de Francisco Pita⁷. Estas descrições diferem um pouco da que nos dá Ernesto Veiga de Oliveira, nomeadamente no que diz respeito ao instrumental que acompanha a celebração. Enquanto aqueles autores dizem que a algazarra é feita por "triquelitraques", este etnógrafo refere ainda a existência de outros instrumentos, tais como "búzios ou chifres e matracas ou 'rac-racs'"⁸. Além disso, o mesmo autor refere que em Carreço (o especialista designa-a por Montedor), "a 'Serração da Velha' e a leitura do competente 'testamento' tem hoje lugar onde quer que se encontre público reunido, de preferência sob as janelas das raparigas casadoiras, a quem são endereçadas as alusões, que se referem sobretudo a temas amorosos."⁹

Em Ponte de Lima, porém, a velha, em vez de ser transportada num andor improvisado, como acontece naquelas localidades, é enfiada num pau. Os seus principais intervenientes são jovens. Refira-se, a propósito, a existência, na sacristia do extinto convento de Santo António dos Frades, junto a uma janela voltada a sudoeste, de um azulejo datável de fins do séc. XVII que mostra uma figura vestida à moda da corte, com um pau na mão, no qual está enfiado um boneco representando uma velha¹⁰. Uma das quadras

⁵ Moisés Espírito Santo, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo, s/d, p. 64.

⁶ Ano 1.º, n.º 1, Viana do Castelo, 1985, pp. 40-48. Pese embora o louvável esforço que o NAIAA (Núcleo Amador de Investigação Arquelógica de Afife) tenha feito por repor, "o mais fielmente possível", a cerimónia, é de criticar que se apresente Afife como única detentora desta tradição no Alto Minho (p. 42) e que se atribua aos afifenses a exclusiva autoria dos característicos "triquelitraques" (p. 46). Sabendo-se que o fenómeno não é apenas afifense, nem exclusivamente português, certos bairrismos, por bem intencionados, podem tornar-se culturalmente perigosos.

⁷ Viana do Castelo, 1987, pp. 116-117. O autor limita-se a resumir, sem citar a fonte, o trabalho de Ferreira Arezes.

⁸ Oliveira, *ob. cit.*, p. 353, que ao "triquelitraque" chama "zaclitrac". Estes dados foram-nos confirmados por Adalberto Enes, natural e residente em Carreço, que nos disse, ainda, terem sido utilizados, também, no "barulho", buzinas dos barcos dos pescadores e "capacetes" de alambique. O mesmo informou-nos que, no ano de 88, houve três "velhas". Este número (no ano anterior foram duas) não se deve a qualquer rivalidade ou despique entre lugares, mas sim, acrescentou, a uma "forte tradição" dos moradores.

⁹ Oliveira, *ob. cit.*, p. 353, nota 17.

¹⁰ Informação, que se agradece, de Manuel Dias.

cantadas pelos rapazes de Ponte, durante a deambulação pelas ruas, é a seguinte:

*Olha o balão,
olha o balãozinho.
Olha (segue-se o nome da visada)
enfiada num pauzinho.*

Em Darque, ignora-se a data da introdução do costume. A cerimónia, aqui, é mais parecida com uma "procissão". Além da "Velha", feita, antigamente, de trapos, papéis e de outras inutilidades, acompanham-na ainda o "padre" e os seus "acólitos", seguidos da multidão dos figurantes. Uns, cobertos de lençóis brancos, pedem que se chore a velha. O público (cor)responde-lhes com gritos estridentes que, por vezes, se assemelham a terríveis grunhidos. Outros, cobertos de preto, fazendo lembrar figuras da Semana Santa (os farricocos), usando tudo o que seja capaz de fazer mais barulho, marcam o ritmo da "procissão". Esta pára junto das casas onde mora a velha e a choradeira repete-se, "serrando". Por fim, depois de lido o "testamento", pelo qual a "Velha" deixa os seus bens a quem "cabe a carapuça", isto é, a quem, ao longo do ano "ofendeu", moral ou socialmente, a comunidade, o boneco é destruído. Actualmente, depois de na década de 1940/50 ter sido proibida por determinação, segundo nos informaram, do pároco de então, a tradição de *serrar* (destruir) *a velha*, celebra-se segundo o mesmo rito, com algumas variantes. Reiniciada em 1983, por um grupo de amantes das tradições populares, a festividade não se realiza na noite de quarta-feira, mas sim na de sexta-feira, da mesma semana, a fim de a população nela poder participar mais facilmente. Nas organizações mais recentes, além da costureira já referida, os acompanhantes empunham também dísticos verrinosos contra "males" da comunidade, não faltando as alfinetadas políticas. A adesão popular a esta festividade é, em geral, de adultos e jovens darquenses ¹¹.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Não foi ainda possível determinar com precisão a origem deste tradicional *Serrar a Velha*. O documento português mais antigo que ao fenómeno se refere data de 1685 e é um poema de António Serrão da Castro, intitulado "A um

¹¹ Informações de um darquense.

amigo na véspera / do dia em que se serrou a velha"¹². O séc. XVIII, porém, dá-nos diversas fontes documentais, desde textos a imagens pictóricas e iconográficas, que reproduzem cenas do acontecimento¹³.

Arnold van Gennep diz-nos que a origem desta festividade popular "deve remontar ao período de libertação progressiva das comunas burguesas, em meados da Idade Média". O mesmo autor refere ainda que "O nome da 'Velha' aparece também (...) numa expressão meteorológica, que, sob a forma de 'Dia da Velha', designa um período que vai dos fins de Fevereiro aos princípios de Março (ou dos fins deste mês aos princípios de Abril), e que se encontra pela primeira vez em escritores árabes do século XIII, que lhe atribuem uma origem grega."¹⁴. A aceitar-se a interpretação de Teófilo Braga, de C. Lopes Cardoso e Luís Chaves, segundo a qual a "Velha" é uma personificação da Quaresma¹⁵, e sabendo-se que este período de jejum e abstinência, de mortificação e de penitência, foi instituído pela Igreja de Roma entre os séculos IV e VI, como caminho para a Páscoa¹⁶, não será descabido datar-lhe a origem nos meados da Idade Média.

Convirá, a este propósito, recordar que a leitura de muitas cantigas de escárnio e maldizer dos nossos trovadores medievais, as representações dramáticas da mesma época e muitos autos de Gil Vicente, bem como encenações populares de muitos "mistérios", fazem lembrar a dramatização que a *Serração da Velha* contém.

LEITURAS DO FENÓMENO

Pelos contactos que mantivemos com pessoas que participa(ra)m e conhece(ra)m de perto a *Serração da Velha*, fica-nos a impressão de que o povo, ao aderir a esta festividade, mais não pretende que "estar alegre", servindo-se de uma dramatização burlesca e fantasmagórica. Aliás, é significativo que os étnólogos, nacionais e estrangeiros, não refiram interpretações dadas pelo povo ao fenómeno. São os especialistas que, levados sempre por "uma explicação das coisas", têm apresentado leituras diversas e controversas da *Serração* e de outras festividades populares. Um autor há, pelo menos, que

¹² Cardoso, *ob. cit.* pp. 50-54. Actualizamos a grafia do título do poema.

¹³ *Id.*, *ibid.*, pp. 37-40 e (estampas) 41-44.

¹⁴ *Manuel de Folklore Français Contemporain*, Tome Premier, III, Paris, 1947, pp. 981-982, cit. p/ Oliveira, *ob. cit.*, pp. 28 (nota 48), 40 e 353.

¹⁵ Cfr. Oliveira, *ob. cit.*, p. 353 (para Teófilo); Cardoso, *ob. cit.*, p. 49; Chaves, *Portugal Além. Notas etnográficas*, Gaia, Ed. Pátria, 1932, p. 60.

¹⁶ Enciclopédia Verbo, vol. 15, col. 1469.

afirma que quem “não conhece os costumes do povo, com ficções e um modo figurativo de falar, o seu emprego de motivos em fantasias ou experiências de sonhos, o seu pensar associativo, as suas patranhas festivas, *por uma questão de divertimento e nada mais*, sem o acompanhamento de superstições ou pensamentos religiosos”, nunca poderá compreender nem estudar devidamente as manifestações populares¹⁷.

Para que o leitor fique, porém, com uma visão global, ainda que sumária, das diferentes teorias interpretativas deste fenómeno, resumimos as principais.

Há autores que defendem que a “Velha” personifica o Ano Velho e o Inverno. Nos seus ritos de serração vêem uma forma de se celebrar o fim de um ciclo morto, para se dar a vez ao Ano Novo, à Primavera e às suas forças regeneradoras. Daí que outros vejam nestas celebrações um “castigo da esterilidade” que afecta todas as formas de Vida. O festejo é uma forma de o povo se manifestar pelo renascimento e rejuvenescimento geral, que sempre se espera e deseja. Ritos de passagem, mudanças de calendário, cedência do velho ao novo, práticas de purificação, enfim¹⁸.

Teófilo Braga, Luís Chaves e Carlos Lopes Cardoso, entre outros, vêem na “Velha” um símbolo da Quaresma, como já se disse. Esta interpretação aparece-nos, pelo menos no mundo católico, como hipótese que deve ser tida em conta. Com efeito, a quarentena quaresmal era entendida como um período de “penitência colectiva”, de “preparação dos penitentes para a sua reconciliação” e “caminho para a Páscoa”, de “renovação pelo baptismo”¹⁹.

Dado que esta penitência terá sido imposta pela Igreja, é natural que o povo, aproveitando, certamente, uma festividade pre-existente, tenha feito deslocar o significado da “Velha” para a Quaresma. Ocorrendo a *Serração* a meio deste período religioso, sabendo-se que, em alguns lugares, a “Velha” é “serrada” ao meio, sabendo-se ainda que a própria Igreja tinha no seu calendário litúrgico o chamado *Domingo Laetare* (o seguinte à quarta-feira da *Serração*), em que a Igreja ameniza os seus ritos penitenciais, porque a “caminhada está a meio”, estamos em crer que a associação popular da “Velha” à Quaresma não deve ser descabida. Refira-se, ainda, que a “Velha” não é propriamente ofendida nem acusada. É, antes, um símbolo moralizador dos costumes, que o seu “testamento” bem manifesta, ao enviar “setas” mordazes por vezes, a quem não se comporta, moral e socialmente, como devia ser. Os

¹⁷ C. W. V. Sidow, “The Manhardtian theories about the last sheaf and the Fertility Demons from a modern critical point of view”, in *Selected papers of Folcklore*, Copenhague, 1948, p. 105, cit. p/ Oliveira, *ob. cit.*, p. 42.

¹⁸ Cfr. Oliveira, *ob. cit.*, pp. 37-44 e 353-354; Moisés Espírito Santo, *ob. cit.*, pp. 59-67.

¹⁹ Enciclopédia Verbo, vol. 15, col. 1470.

velhos não simbolizam apenas o fim de uma idade, mas também um saber maduro, de experiências feito.

CONCLUSÃO

Sejam quais forem as interpretações que se dêem à *Serração da Velha*, julgamos que o seu sentido lúdico e a sua função catártico-moralizadora serão os principais fins, ainda que inconscientemente, desta cerimónia, tal como os "jogos" de Carnaval, de que, aliás, é uma continuação.

Como será depreendido de quanto foi dito, a *Serração* é uma representação simbólica, ou melhor, uma mistura de vários elementos carregados de simbologias. O povo, perante os "mistérios" da Vida, as imposições dos poderes, os "abalos" das suas estruturas comunitárias, sempre reagiu com manifestações que por vezes se aproximam do irracional, para tentar compreender, aliviar, afastar ou, até, exorcizar "fantasmas". É o seu inconsciente colectivo que funciona, materializado em realizações de carácter simbólico, tão velho como o próprio homem. Mas porque os símbolos são, no fundo, analogias de uma realidade viva, consciente ou inconscientemente conhecida, não admira que o povo adapte as suas manifestações à cultura que lhe é própria. E não se esqueça: um símbolo só por outro símbolo se explica capazmente.

Para terminar, torna-se indispensável, para um melhor conhecimento e análise da *Serração da Velha* no Alto Minho, proceder a um levantamento criterioso das suas manifestações nas terras onde ocorreu ou ocorre. Só assim, verificando semelhanças e diferenças, detectando sentidos e significações obscuros, descobrindo raízes e motivações invisíveis, analisando transformações introduzidas ao longo do tempo, se poderá restituir à celebração a pureza original e evitar que o folclore autêntico se transforme numa indústria de degradação e adulteração da cultura popular. Oxalá este trabalho possa contribuir, de algum modo, para tal finalidade.